

DESCRIÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: O USO DA LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA

Edicarla Correia de Sá¹
Vaneza Oliveira de Souza²
Orientadora: Maria José Souza Pinho.

¹Mestranda pelo programa Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED/UNEB.
carla.correia.sa.cc@gmail.com.

²Mestranda pelo programa Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED/UNEB.
vanezaoliveiradesouza@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho traz o relato de uma professora de educação infantil na execução de uma sequência didática com base na literatura negra infantil. A sequência se dá numa turma de dois anos e meio na Escola Municipal José de Aragão Bulcão, localizada no distrito de Monte Recôncavo, cidade de São Francisco do Conde-Ba. A literatura utilizada na sequência foi a história Bruna e a galinha D'Angola de Gercilda de Almeida, ilustrações de Valéria Saraiva. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a literatura na educação infantil, suas implicações e impactos, como pano de fundo traz o relato das impressões da professora sobre a sequência que realizou. Retrata o percurso da SD, com seus desafios e possibilidades para a realização de uma educação voltada para as relações étnico-raciais.

Palavras-Chaves: Literatura infantil. Sequência didática. Relato de experiência.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil historicamente está ligada na busca das pessoas não apenas em ouvir algo que vem do imaginário, mas para além disso, tem a ver com a busca de conhecimento, com a

reprodução de valores, de um patrimônio cultural que vem tanto do imaginário social quanto das experiências de indivíduos e da coletividade.

A prática da literatura infantil sempre esteve presente em minha vida, desde a infância convivi com livros, minha mãe ser professora de educação infantil criou oportunidade de acesso ao mundo imaginário das páginas ilustradas de histórias para crianças.

No curso de licenciatura em pedagogia minha aproximação maior com a literatura infantil e a experiência do contar histórias foi durante o estágio obrigatório supervisionado, não dá para negar o fascínio das crianças pela literatura, a curiosidade, o brincar de ler, dialogando com o texto, reinventando as histórias já conhecidas.

De acordo com Abramovich (2005, p.23) “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. A experiência de uma criança com o livro infantil deve acontecer à idade escolar, é um momento de compartilhamento de saberes e desenvolvimento de diversas habilidades entre as crianças em atividades individuais e principalmente coletivas.

Neste intuito, este artigo vem registrar o desenrolar de uma sequência didática que teve como base a história infantil Bruna e a Galinha D’Angola de Gercilda de Almeida, ilustrações de Valéria Saraiva. Esta sequência explorou atividades distintas que traziam como pano de fundo uma educação para as relações étnico-raciais na educação.

A sequência didática nos permite a realização de atividades distintas para aprofundamento de um texto, ela foi realizada com vinte e quatro crianças que tinham entre dois anos e cinco meses à três anos de idade, na escola municipal de Educação Infantil José de Aragão Bulcão, localizada no município de São Francisco do Conde, Bahia.

Esta escola municipal fica no distrito Monte Recôncavo, uma comunidade quilombola, reconhecida, apenas de educação infantil, pequeno porte, com quatro salas de aulas, menos de cem alunos. Uma escola quilombola que traz a necessidade de representatividade no currículo, no projeto político da escola, no plano de aula, no fazer do cotidiano escolar.

Este trabalho de abordagem qualitativa descritiva, com base no próprio relato de experiência desta professora pesquisadora que aqui registra suas implicações, os dados

construídos foram por meio da observação dos alunos em sala de aula durante as atividades desenvolvidas por meio do instrumento pedagógico Sequência Didática.

Assim sendo, temos como objetivos principais neste trabalho:

- Demonstrar a importância da literatura infantil na Educação Infantil, com destaque para a sua contribuição no desenvolvimento da criança nesta fase;
- Conhecer os principais conceitos de sequência didática e como ela pode contribuir para aprofundamento de um gênero textual;
- Descrever a sequência didática realizada pela professora-pesquisadora de educação infantil;
- Refletir sobre a importância da representatividade na escola, para as crianças, por meio da literatura infantil.

Trago uma discussão com autoras Fanny Avramovich, Regina Ziberman, Bamberger, Dolz e Schneuwly entre outros que reflitam sobre a literatura na educação infantil; as reflexões e o desenvolvimento da sequência didática realizada. Concluindo com uma reflexão sobre como foi a realização desta experiência.

Espero que este trabalho venha contribuir para possíveis reflexões acerca da literatura infantil por professores e professoras e demonstrar de forma simples e clara uma das várias possibilidades de construção que este recurso – a contação de histórias na educação infantil - pode trazer para o desenvolvimento cognitivo, social, físico e emocional das crianças.

JUSTIFICATIVA

A oferta de educação infantil para comunidades quilombolas faz parte da luta pelo direito a educação, faz-se necessário organizar o ensino ministrado nas escolas quilombolas de educação infantil de forma contextualizada e significativa, o saber que se aproxime das crianças e não que esteja distante da realidade destas.

O livro infantil pode ser este elo que liga os saberes materiais e imateriais na construção de uma educação voltada para as relações étnico-raciais, uma educação alimentada por memória coletiva, práticas culturais, poéticas orais e demais elementos que conformam o patrimônio cultural de comunidades quilombolas.

Esta reflexão surge da necessidade da busca de formação por esta professora de educação infantil que busca no compartilhamento de saberes a construção de um fazer educativo cada vez mais próximo e rico em significado para seus educandos.

A educação infantil é a primeira etapa da educação, se privilegia em práticas de cuidado e de educação. O cuidar também é pedagógico, e o fazer educativo cotidiano também é cuidado. Estas práticas ligadas uma a outra fazem parte do dia a dia de um professor de educação infantil.

O relato da experiência, seu registro, o seu compartilhamento com colegas e estudiosos da área faz com que enriqueça a formação de professores e traga possibilidades de enriquecimento de literatura e experiências tanto para a formação continuada de professores, quanto metodológica e didática-pedagógica.

Visando ao bem-estar e ao direito das crianças quilombolas na Educação Infantil, as escolas criam movimentos que comparo aqui como um círculo, movimento circular comunidade-escolar, onde proporciona-se a participação das famílias e dos anciãos, especialistas nos conhecimentos tradicionais de cada comunidade, nos processos educativos da educação infantil.

Espero que tais reflexões construídas e apresentadas possam contribuir com profissionais da Educação Infantil, nos seus processos de formação inicial e continuada, objetivando maior compreensão da relevância da literatura como instrumento de pedagógico, do recurso sequência didática como meio para aprofundamento de estudo e conhecimentos e suas diversas possibilidades.

METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é introduzir o conceito base da metodologia utilizada para construção deste trabalho, este que vem com a pretensão de caracterizar-se como uma pesquisa descritiva, construída a partir de um relato de experiência da realização de uma sequência didática aplicada em uma turma de educação infantil.

Tartuce (2006) aponta que a metodologia é algo que trata de métodos e ciência. O caminho em direção a um objetivo, um conjunto de conhecimento ordenados que contribuem para alcance dos objetivos que norteiam uma pesquisa. Esta é a atividade preponderante da metodologia. Metodologia portanto, definida de forma abrangente e concomitante por Minayo (2007, p. 44) é

(...) a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

O caminho do pensamento é construído primeiramente quando algo nos inquieta, temos a necessidade de tentar responder aquilo que nos move e se concretiza em pesquisa, no escopo deste capítulo metodológico afirmamos ser esta pesquisa qualitativa, pois caso fosse diferente não daríamos conta de realizar este estudo.

A pesquisa qualitativa se despi de julgamentos prévios, de preconceitos ou crenças que podem contaminar as contribuições que poderão nascer na concretização do caminho reflexivo. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

A pesquisa qualitativa algumas vezes é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador. Por vir tratar de características que surgem a tona a partir dela, que são: a objetivação do fenômeno e a hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar. (MINAYO, 2001, p. 14).

Neste sentido buscamos a Pesquisa Descritiva para nos orientar na construção desta reflexão, por ela nos permitir descrever a partir de fatos e fenômenos de uma determinada realidade.

Para Triviños (1987, p. 112), os estudos descritivos podem ser criticados às vezes por não existir pelo investigador um exame crítico das informações, e os resultados podem chegar a ser equivocados; e as técnicas de coleta de dados podem ser subjetivas.

Entretanto, considerando a realidade dinâmica, dialética, atravessada por diversas questões, como descrever com tamanha precisão se os fatos podem mudar, se os fenômenos não são estáticos, não é como criar uma fórmula matemática e executar cálculos.

A descrição acontece a partir do relato de experiência de uma sequência didática realizada em sala de aula numa turma de educação infantil. Acreditamos que realizar uma educação significativa, contextualizada, para as relações étnico-raciais, a fim de propor registrar as experiências de uma professora, é, sobretudo, oportunizar a (auto) formação.

Acreditamos partir do momento que o professor reflete sobre suas ações em sala de aula, o relata, descreve, pensa sobre, constrói considerações, ele está realizando um processo de formação, refletir sobre formação de professores é o nosso objeto de pesquisa.

A sequência didática (SD) foi o instrumento didático pedagógico escolhido para aprofundar assuntos pertinentes para a contextualização de saberes partindo da premissa de uma educação para as relações étnico-raciais. A SD destaca-se como sendo das metodologias de ensino que nos dão oportunidade de aprofundamento de um gênero textual, ramificando para várias discussões e atividades distintas para alavancar competências e habilidades com enfoque globalizador.

Na educação infantil a SD alinhada à literatura infantil cria possibilidades de compartilhamento de saberes e experiências, a partir daquele texto selecionado, uma metodologia diversificada de ensino baseada nas descobertas sensoriais cognitivas, pois há algo real nela, na experiência realizada vimos claramente, o toque, o construir o novo a partir da experiência vivida, o sentir do saber por meio do outro que é próximo a nós.

O locus:

O locus de pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil José de Aragão Bulcão, localizada no distrito quilombola de Monte Recôncavo, pertencente ao município de São Francisco do Conde, litoral baiano. Região metropolitana de Salvador, capital, Com população estimada pelo Instituto de Geografia e Estatística – IBGE, em 2018, é de 39.338 mil habitantes. Este distrito tem grande importância histórica para a cidade, pois foi lá onde São Francisco do Conde nasceu, é importante demarcar isto, pois a cidade nasce a partir do aquilombamento de uma comunidade.

Segundo Munanga e Gomes (2004, p. 71, 72), a palavra quilombo é originária da língua banto umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central e, mais especificamente, na área formada pela atual República Democrática do Congo (antigo Zaire) e Angola. Apesar de ser um termo umbundo, constitui-se em um agrupamento militar composto dos jagas ou imbangalas (de Angola) e dos lundas (do Zaire) no século XVII. De acordo com alguns antropólogos, na África, a palavra quilombo refere-se a uma associação de homens, aberta a todos.

O processo de aquilombamento existiu onde houve escravidão dos africanos e de seus descendentes. Em todas as Américas, há grupos semelhantes, porém com nomes diferentes, de acordo com a região onde viveram.

A escola quilombola de Monte Recôncavo é remanescente de um quilombo urbano, ultrapassando a ideia que esses movimentos de resistência se restringiam apenas ao meio rural. Este processo de aquilombar-se demarca a territorialização, Silva, G. (2011) ainda reflete: “Se, por um lado, perderam a relação com o território de origem, por outro, construíram novos territórios. A incorporação dos elementos dessa composição não é necessariamente física, material, mas muitas vezes imaterial.” (p. 23-24)

A escola quilombola nasce neste fértil território educativo, pois busca-se na valorização dos saberes locais a sistematização curricular e pedagógica da escola, rica em conhecimentos materiais e imateriais.

É necessário entender que construir uma educação para as relações étnico-raciais é trazer estes conhecimentos para o centro da escola, como vida que circula no seu interior para o seu exterior, e com um movimento de volta, como um círculo, algo construído num movimento circula comunidade-escola.

Dos colaboradores:

Os colaboradores deste estudo são os alunos da turma intitulada Grupo 2 – G2, vinte e duas crianças com idades entre dois anos e meio a três. As crianças são moradas da comunidade, à época da realização da SD, no segundo semestre do ano de 2017. Na sua maioria meninas, quatorze meninas no quantitativo.

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rocha (2005, p. 437) diz que a literatura é a “arte que emprega como instrumento da palavra”, ou seja, uma arte criativa que representa o mundo, a vida, o cotidiano das pessoas por meio das palavras, a literatura infantil além disso, traz o imaginário, mundo da ludicidade da criança nas histórias, levando conhecimento e encanto por meio do contar.

Na teoria de Coelho (2000, p. 27) a importância da literatura infantil está na arte de encantar, desenvolver a sensibilidade, a imaginação e os sonhos das crianças. Podemos inferir reflexões sobre como este instrumento pode contribuir para o desenvolvimento da auto-estima e do auto-conhecimento de crianças quando a literatura infantil é selecionada para que haja reconhecimento, identificação entre a criança e a história contada.

Para Ziberman (1983) estudiosa em literatura infanto-juvenil e leitura, como forma de motivar as crianças e os jovens ao hábito de ler, aborda as relações entre a literatura e o ensino legitimando a função da leitura, sugerindo livros, assim como atividades didáticas, a fim de alcançar o uso da obra literária em sala de aula e nas suas casas com objetivos cognitivos, e não apenas pedagógicos.

Como destaca a autora, a sala de aula tem todas as condições para se tornar "um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para intercâmbio da cultura literária". (ZILBERMAN, 2003, pg.16).

A literatura é extremamente relevante na escola, quando considerando a Educação Infantil enquanto *locus* de desenvolvimento e produção deste saber, devido ao fortalecimento de condições que propicia à criança em formação, podendo implicar diretamente na construção de sua auto-estima e auto-conhecimento.

A literatura infantil é dada como um processo lúdico enriquecedor para a criança e deve ser produzida para ampliar o desenvolvimento da aprendizagem destes “pequenos grandes” sujeitos.

Devido o contato que a criança tem com a literatura ela passa a ser autora de seus próprios pensamentos tornando-se um ser autônomo, mais confiante e obtém percepções e pode construir bases necessárias para se tornar um leitor crítico na sociedade.

... a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 2003, p.16)

A sala de aula é um espaço que pode ser um dos primeiros contatos da criança com a literatura infantil muitas vezes, portanto, sua utilidade, importância deve ser estudada e verificada por pesquisadores a fim de calcar bases epistemológicas estáveis que valorizem cada vez mais este rico instrumento pedagógico. Bamberger nos traz reflexões sobre o hábito da leitura, construído conjuntamente por professores e alunos nas primeiras séries da educação básica:

O desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e bibliotecas públicas (BAMBERGER, 2000, p.43).

No artigo “A importância da leitura e literatura infantil na formação das crianças e jovens” de Renata Junqueira de Souza podemos destacar uma observação da professora e autora Maria Helena Martins (1989) que chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro, que segundo ela revela "um prazer singular" na criança. Na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro de literatura pode conter.

A representatividade e conexão que o livro infantil pode trazer consigo em suas páginas é algo imensurável quando tentamos compreender seus impactos na vida de crianças de dois anos e meio à cinco anos de idade.

Tal representatividade importa na literatura infantil tanto quanto outros veículos que implicam na formação e desenvolvimento dos sujeitos. Quando falamos em literatura negra para crianças notamos que há ainda uma fragilidade no acesso por professores de Educação Infantil em suas escolas.

Na verdade há uma invisibilidade de uma literatura para as relações étnico-raciais, uma literatura infantil realmente diversa e plural na literatura brasileira em relação a escritores negros e ainda mais em relação a personagens negros. Regina Dalcastagnè, doutora em Letras e professora da Universidade de Brasília – UNB, definiu, em seu livro intitulado *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado, o perfil do escritor médio brasileiro*. Trata-se de um “homem, branco, de classe média, morador do Rio de Janeiro ou de São Paulo, professor ou jornalista”.

A representatividade está ligada a identificação, implica em identidade, personalidade, o que intimamente ligada a construção do eu, quando há uma identificação podemos dizer que a educação se torna significativa.

A representatividade é crucial para que crianças negras se enxerguem na sociedade, na história e na cultura. É fundamental que a criança se veja em posições de destaque, como médica, professora, princesa...

A criança tem que perceber que ela pode ser o que ela quiser, e é nesta fase da primeira infância que ela tem a chance de forma lúdica, dividir momentos significativos onde possa se vê de forma positiva.

E a escola pode ser este espaço de desconstrução de preconceitos, compreendendo a diversidade e valorizando todas as etnias, que saibam conviver com a diferença e não se achem inferiores ou superiores a ninguém.

A leitura infantil, portanto, é um dos fatores para que a criança consiga buscar a sua realização, sua auto-estima, são os primeiros passos para a construção de sua identidade, contribuindo em sua formação em todos os aspectos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA DE GERCILGA DE ALMEIDA

Este artigo tem por base o relato do desenvolvimento de uma sequência didática no uso da literatura infantil Bruna e a Galinha D'Angola de Gercilda de Almeida, ilustrações de Valéria Saraiva, este livro tão rico de cultura, personagens cheios de personalidade e narrativas que remetem a uma África antiga que pode ser vista hoje em nossa cultura nordestina.

A escolha da sequência didática para o aprofundamento da leitura desta história veio da possibilidade desta metodologia nos oportunizar a construção de atividades diversificadas que possam mergulhar no gênero textual escolhido de forma a explorar bem suas possibilidades.

Este termo (sequência didática – SD a partir daqui) surgiu em 1996, nas instruções oficiais para o ensino de línguas na França quando pesquisadores viram a necessidade de superação da compartimentalização dos conhecimentos no campo do ensino de línguas. (Nascimento, 2009, p. 68).

Para Dolz & Schneuwly (2004, p. 53), “elas (SD) procuram favorecer a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor maestria dos gêneros e das situações de comunicação”. Ainda para os mesmos autores, elas devem ser compreendidas como um conjunto de atividades planejadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.

Este método nos permite um aprofundamento de um gênero textual, a construção de uma diversidade de atividades onde possamos integrar conhecimentos distintos e desenvolvimento de diferentes habilidades.

Desse modo, entre as ações de uma SD estão as atividades de escuta, leitura, escrita e reescrita de textos (análise linguística), superando os limites da gramática normativa. No caso da Educação infantil esta reescrita e releitura é realizada de forma adaptada a idade das crianças, além de acrescentar a ludicidade e o brincar na SD.

A SD foi realizada com crianças de dois anos e meio a três de idade compreendeu um conjunto de cinco atividades. No mês de agosto de 2017, na Escola Municipal José de Aragão Bulcão, localizada no município de São Francisco do Conde, região do recôncavo da Bahia. A primeira se deu com a leitura do livro Bruna e a Galinha D'Angola, este momento na roda de leitura, em círculo fazemos a leitura do livro, as crianças demonstram curiosidade e atenção.

Escolhi um tema para esta sequência didática História e Cultura Afrobrasileira: uma aventura cheia de cores e sensações. Este título foi pensado pelas diferentes atividades que serão construídas a partir da história Bruna e a galinha d'Angola. Uma história que nos traz diversas possibilidades e ricas de detalhes culturais e históricos da cultura africana e afro-brasileira.

Por objetivo geral: Aprofundar os saberes ancestrais culturais africanos junto com as crianças através da literatura infantil.

Os objetivos específicos: Apresentar e contar a história infantil Bruna e a galinha d'Angola para as crianças. Explorar diversos materiais de fazer artístico como pintura a dedo, com uso de carimbos em tecido e molde vazado. Aprender a fazer nós com retalhos de tecidos. Realizar a releitura da história aprofundando em aspectos específicos para introduzir as atividades específicas para cada etapa desta SD. Conhecer a cultura africana e afro-brasileira por meio da literatura infantil Bruna e a Galinha d'Angola. Reconhecer valores que atravessaram mares que nos remetem a força e resistência negra. Conhecer as cores e formas presentes na cultura africana por meio dos tecidos africanos e da galinha d'Angola. Conhecer o significado de símbolos africanos, em especial o Sankofa, símbolo que traduz bem esta sequência de atividades. Despertar para valores cultivados na África como: sentimentos de tribo, solidariedade, amizade, respeito aos mais velhos, união, etc. Despertar para o valor das raízes africanas.

Esta sequência didática teve duração de cinco dias, cada etapa foi desenvolvida em um dia de aula. A seguir descreveremos uma resenha sucinta da história para situar os leitores deste trabalho e as estratégias desenvolvidas e os recursos que foram sendo utilizados em cada etapa da SD.

Bruna e a Galinha D'Angola (resenha do livro da autora Gercilda de Almeida, ilustrado por Valéria Saraiva)

Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha. Sua avó veio da África e sempre lhe contava histórias. Uma que ela gostava muito era do pano da galinha que sua avó trouxera da África. “Conta a lenda de uma aldeia africana que Ósún era uma menina que se sentia só e para lhe fazer companhia resolveu criar o que ela chamava de “o seu povo”. Foi assim que surgiu Conquém, a galinha d’Angola. Bruna então pediu a seu tio que era bom oleiro, que lhe ensinasse a trabalhar com barro. Bruna então modelou na argila a galinha d’Angola e passou a brincar com ela. No dia do seu aniversário, sua avó lhe deu uma galinha d’Angola de verdade que andava e gritava – Conquém! Conquém!

As outras crianças da aldeia que não brincavam com Bruna foram se aproximando dela e pedindo para brincar com a Conquém, aí Bruna arranhou muitas amigas e fizeram muitas galinhas de barro iguais a Conquém. Um dia as crianças acharam no baú da avó de Bruna um pano que contava a lenda africana dos animais que ajudaram a Conquém na criação do mundo e de seu povo. Conquém espalhou sementes na terra, o lagarto desceu para ver se a terra era firme e o pombo foi avisar aos outros animais que podiam vir povoar aquele lugar.

Bruna e suas amigas ficaram muito conhecidas, porque todos da aldeia se juntavam para ouvirem a história do pano. Sua avó resolveu ensinar as meninas a pintarem tecidos, como os que ela fazia na África, isso fez com que a aldeia ficasse conhecida. Foi assim que todas as pessoas da aldeia de Bruna decidiram torná-la mais bonita e pintaram suas casas com as cores dos panos da galinha d’Angola.

Um dia a Conquém sumiu e todas as meninas saíram à sua procura chamando – Conquém, onde você está? Com quem nós vamos brincar? Tanto procuraram que a acharam escondida no mato. As meninas encontraram um ninho com um belo ovo que ela protegia e chocava. Tempos depois, cada menina da aldeia tinha sua galinha d’Angola e até hoje o povo daquela aldeia conta a história de Bruna e da Galinha d’Angola para aqueles que compram os belos tecidos pintados pelas meninas.

Descrição das estratégias e recursos utilizados:

A personagem Bruna tem dificuldades de socialização, sente-se sozinha, para ajuda-la nesta questão a avó da menina dá de presente a ela uma galinha d’Angola, Com quem, a própria narrativa nos dá pistas do mito africano da criação do mundo. Este personagem é

muito importante para o desenrolar da história e assim como Bruna, sentiam-se sozinhos, sem amigos, mas juntos puderam construir muitas experiências.

Nesta primeira etapa da SD fizemos uma roda de conversa sobre a história e sobre esta personagem, Com quem, levei cabaças (fruto bastante encontrado na região do reconcôncavo para releitura da personagem) e galinhas d'Angola de barro, compradas na feira da minha cidade natal, Senhor do Bonfim, que fica ao norte da Bahia, assim como na história de Bruna, onde ela constrói galainhas d'Angolas de barro. Este conhecimento ancestral aparece aqui e ainda é reproduzido e encontrado nas feiras livres do interior do Nordeste.

Com as cabaças tentamos construir nossas Com quem, com tinta guache preta e branca, as pintamos, ressaltando que literatura é arte e arte na educação infantil sempre envolve ler pelo brincar, pelo fazer no contexto da ludicidade.

Na segunda etapa levei para a aula um baú, onde disse que a avó de Bruna havia me emprestado o seu baú para conhecer os seus tesouros. Na história Bruna com a ajuda de Com quem, encontraram um baú a muito tempo perdido pela avó de Bruna quando estava em meio a uma longa viagem de sua aldeia africana para seu atual continente. A história não cita qual, mas nos dá pistas da história social brasileira.

Ao abrir o baú no chão em uma roda com as crianças, olhares atentos e surpresos por estarem diante do baú da avó de Bruna, e ao abrir tecidos africanos, como na história, tesouros, parte da cultura e história da avó de Bruna e das crianças da Escola José de Aragão Bulcão.

Falamos um pouco da história dos tecidos africanos, como eram feitos antigamente na época dos avós dos nossos avós, tingidos com tinta quem vinha das plantas, da argila e dos metais.

Pedi as crianças que observassem as cores, as formas, os desenhos, que puxassem e percebessem como eram fortes os tecidos, que tocassem para sentir sua textura. Após construimos nosso próprio tecido africano.

Com pedaços de TNT (ou conhecido também por cami) no tamanho de papel ofício A4, carimbos feitos de isopor e tinta guache de cores variadas, as crianças pintaram e fizeram

seus próprios tecidos. Após costurei e fiz um tecido único, maior, para ser exposto na escola para as outras turmas e pais.

Em todas as fases há o uso do livro, o reconto da história e daquela parte em especial que se quer aprofundar para aquela etapa da SD que é previamente planejada.

Na terceira etapa, exploramos a ideia de presente, de família, de como ela nos ajuda a passar por momentos difíceis, nossa comunidade, assim como a avó de Bruna que viu a solidão da menina, sua dificuldade em fazer amigos, podemos muitas vezes nos sentir sozinhos também, na diáspora africana muitas mães notaram a tristeza e o medo de suas crianças e criaram também um presente especial, para que através daquele símbolo de ludicidade e esperança, pudessem acalentá-las: a Abayomi.

As bonecas Abayomi, são bonecas de pano, negras, feitas de retalhos, Abayomi é uma palavra ioruba, africana, que significa um presente muito especial, ou ainda, o melhor de mim para você, com retalhos.

Segundo Kauê Vieira, escritor da página virtual Afreaka, nos diz que as Abayomis foram criadas para acalantar as crianças durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navios que realizam o transporte de pessoas negras entre África e Brasil, para serem escravizadas. As mães rasgavam retalhos de suas saias e deles criavam as pequenas bonecas feitas de nós, sem demarcação de olhos, bocas, ou nariz, simbolizando a multiplicidade de etnias africanas.

Com retalhos arrecadados pela comunidade previamente à atividade, fizemos nossas próprias Abayomis, nossos presentes especiais, para sempre lembrarmos que não estamos sozinhos, nem precisamos temer a “travessia”.

Note como a SD pode ser uma rica ferramenta para aprofundamento em torno de uma temática, que a partir da literatura, um gênero textual, podemos explorá-lo ao máximo. Ela é portanto “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 97).

Na quarta etapa da SD, sempre retomando a história, exploramos a parte que Com quem e Bruna encontram o baú da avó da personagem, um tecido em especial traz símbolos, inclusive a Com quem, uma Galinha d’Angola, nos contando o conto de Osù, o conto africano

da criação do mundo, muitos símbolos nos contam muitas histórias, Com quem nos lembra como o mundo foi criado, e outros nos conta ainda muitos outros aprendizados, levei para a sala um painel com alguns símbolos africanos, símbolos adrinka.

Segundo o site IPEAFRO, os símbolos Adrinka, são um conjunto de representações, para além da letra grafada, são ideias, provérbios, de origem dos povos da África Ocidental, povo Asante.

Um símbolo especial retoma a história de Bruna que ouvia histórias de sua avó da época que morava em sua aldeia africana, que relembra este momento vivido pelas crianças, a contação de história, aprender com nossos avós, com as pessoas da nossa comunidade, nossos pais e também professores é algo que marca profundamente nossas experiências e nossas identidade, nos inclui em uma memória ancestral coletiva e nos enriquece enquanto indivíduos.

Como atividade prática deste quarta etapa as crianças relataram qual símbolo gostaram mais e os porquês, o símbolo Sankofa representa muito bem nossas atividades e o objetivo delas. Significa aprender com o passado, ou aprender com os mais velhos. Com molde vazado feito de uma radiografia limpa com água sanitária, chamado também de stencil, fizemos a reprodução do Sankofa em emolduramos para expor no pátio da escola.

A exposição das atividades é uma das formas de valorizar os trabalhos das crianças bem como uma forma de retomar as aprendizagens construídas em atividades anteriores feitas pelas crianças.

A última atividades desta SD foi o próprio ato de contar histórias aprendidas pelos mais sábios da nossa comunidade, convidei a avó de uma das alunas, conhecida na comunidade de Monte Recôncavo por tia Neném, veio até ao pátio, neste dia reunimos todas crianças para ouvira as histórias de tia Neném, aprender com o passado, com nossos avós, é a melhor forma de representar essa memória coletiva ancestral para as crianças. Elas fizeram desenhos para registro das histórias que ouviram de tia Neném. Histórias sobre o que brincava quando criança, o que gostava de fazer, quais história ouvia de seus pais e seus avós quando criança também, foi um momento muito especial, feliz e emocionante para todos da escola.

Ao final organizamos uma exposição no pátio da escola para todas as outras turmas e aberta a comunidade, esta socialização foi a forma de avaliação escolhida, observando os objetivos que foram alcançados pelas crianças relacionando aos objetivos traçados para a SD.

A SD é uma forma de organização sequencial e modular do fazer pedagógico, mas alinhado a um fazer pedagógico contextualizado, pode contribuir para uma educação significativa, uma educação para as relações étnico-raciais.

Dificuldades encontradas:

Cabe ao Ministério da Educação apoiar aos educandos na incorporação da educação infantil segundo suas próprias regulamentações e ao texto constitucional. Entretanto uma das principais dificuldades que o professor de uma escola infantil quilombola encontra são os recursos materiais, e principalmente o livro infantil.

Os programas de material pedagógico para a Educação Infantil deveriam incluir materiais diversos de arte, movimento e leitura adequados às faixas etárias, dimensionados por turma e pelo número de crianças nas instituições.

Entretanto o livro infantil que traga personagens negros e negras, histórias infantis que busquem apresentar uma diversidade, ou mesmo que busquem na afrocentricidade na sua elaboração e apresentação, são difíceis de serem encontrados na escola.

Geralmente nós professores buscamos o recurso da internet para realizar o download de livros disponíveis, muitas vezes apenas em vídeo narrado, e muitas das vezes o professor tem que realizar a compra do livro para utilizar deste instrumento que é essencial na educação infantil.

As rodas de leitura seguem uma rotina e acontecem até três vezes durante uma rotina semanal de aulas, uma diversidade e disponibilidade de literatura infantil que seja contextualizada com a realidade a qual pertence a escola é fundamental para o desenvolvimento de práticas educativas localizadas, significativas e voltadas para uma educação para as relações étnico-raciais, em especial, considerando a realidade das crianças, escolas e comunidades quilombolas.

É importante que este material seja considerado como um equipamento de consumo, pelo seu desgaste natural pelo uso, que no caso da educação infantil é constante, podemos até relatar pela nossa experiência, é uma das principais ferramentas pedagógicas utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Silva (2005), tão relevante quanto ter acesso ao livro, é você ter um espaço privilegiado pela literatura, a escola pode ser este espaço, e em especial na Educação Infantil, através do recurso sequência didática podemos aprofundar a literatura e explorá-la, não só ensinando à língua portuguesa, desenvolvendo a oralidade das crianças, mas construindo cultura, identidade, valores, autonomia e representatividade.

As observações em sala e o registro desta SD pode nos fazer refletir sobre as diversas possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas e ramificadas tendo por base uma história infantil, quanto de elementos podem surgir de uma história e de como ela pode ser representatividade estética, cultural, histórica e simbólica para crianças, especialmente falando aqui de crianças negras quilombolas que participaram das atividades descritas.

Nos afastando um pouco dos contos tradicionais, podemos realizar uma educação para as relações étnico-raciais, trazer a diversidade e a pluralidade de saberes por meio da literatura infantil, oportunizando o desenvolvimento de diversas habilidades, pedagógicas, sociais, culturais e relacionadas às identidades individuais e coletivas dos sujeitos.

Construir uma educação para as relações étnico-raciais, trazer ao centro do conhecimento os saberes culturais, ancestrais, memórias, histórias, formas de cura e de cuidado para contribuir no processo de construção de identidades das crianças por meio da literatura infantil. Um processo intrínseco à vida e à história de um povo que constrói ricos saberes para o desenvolvimento de suas comunidades e povos, bem como para sua resistência.

Sabemos que a aquisição de materiais didáticos de apoio pedagógico às comunidades quilombolas tem sido pauta de suas lutas, o MEC têm produzido matérias específicos, contextualizados, entretanto esbarramos em alguns desafios como a forma como os gestores de sistemas de ensino e suas respectivas Secretarias de Educação encaminham esse material até as escolas. Às vezes, o próprio gestor do sistema de ensino e da escola desconhece a

presença de escolas quilombolas na sua zona de atuação. Outras vezes, por causa de interpretações pessoais e/ou políticas partidárias, se omite, não exercendo o seu dever público de fazer chegar a essas escolas o material enviado pelo MEC

Mais do que uma simples história que nos encantar, a literatura infantil nos ensina muito mais do que podemos imaginar, suas imagens, cores, enredos, aspectos que parecem pequenos, mas que por traz há uma pesquisa imensa sobre a história e a cultura de um povo, enriquecida de ancestralidade, e trago aqui também a interseccionalidade, especialmente presente na literatura Bruna e a galinha d'Angola, uma literatura que nos traz um saber descolonizado, baseada na memória, na ancestralidade, marcada pelo feminino e que pode gerar ainda muitas outras discussões, a exemplo da solidão de meninas e mulheres negras. Por que Bruna, a personagem, se sentia tão só? Possibilidades de discussão que ficam em aberto para futuras análises e releitura desta literatura infantil.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5ª edição. São Paulo. Scipione, 2005.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática/UNESCO, 2000. COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: ed. Moderna, 2000.

DOLZ J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento**. In: Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e (Org.) de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 95-128. 2004.

DOLZ J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, Sylvie. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino**. In: Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e (Org.) de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 149-185. 2004.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Dífceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. p.117-42.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa**. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

NASCIMENTO, E. L. Gêneros da atividade, gêneros textuais: repensando a interação em sala de aula. In: _____. (org.). **Gêneros textuais:** da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Editora Claraluz, p. 51-90. 2009.

VIEIRA, Kauê. **Brasil/África Bonecas Abayomi:** símbolo de resistência, tradição e poder feminino. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. (sem data).

IPEAFRO. **Adrinka.** Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. (sem referência de autor e data).

Rocha, R. **Atrás da porta.** 18a ed. Rio de Janeiro: Salamandra. 1997.

SILVA, Givânia Maria da. **O processo educativo de Conceição das Crioulas:** uma experiência de educação “diferenciada”. Brasília, Ed. UnB, 2011 (relatório de qualificação).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A Produção da Leitura na Escola:** Pesquisas e propostas. São Paulo, Ed. Ática, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **Para saber mais... Elementos da narrativa.** 2003. Disponível em: <http://pead.faced.ufrgs.br>. Acesso dia 20 de julho de 2019 as 11:31.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo; Global Ed., 5ª ed. 1983.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira:** História e histórias. São Paulo: Ática, 1985.